

Svobodová, Iva

À procura de valores estilísticos do artigo em português contemporâneo : tempo e espaço como factores linguísticos e extralinguísticos que compõem o semema do artigo

Études romanes de Brno. 2009, vol. 30, iss. 1, pp. [243]-255

ISSN 1803-7399 (print); ISSN 2336-4416 (online)

Stable URL (handle): <https://hdl.handle.net/11222.digilib/114843>

Access Date: 16. 02. 2024

Version: 20220831

Terms of use: Digital Library of the Faculty of Arts, Masaryk University provides access to digitized documents strictly for personal use, unless otherwise specified.

IVA SVOBODOVÁ

À PROCURA DE VALORES ESTILÍSTICOS DO ARTIGO EM PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO: TEMPO E ESPAÇO COMO FACTORES LINGUÍSTICOS E EXTRALINGUÍSTICOS QUE COMPÕEM O SEMEMA DO ARTIGO

I. Posição da Estilística na Linguística Checa e Portuguesa

Durante a história da Linguística Geral, a posição da Estilística visualizou-se só no século XIX quando se tornou parte da Antropologia que estuda a cultura através dos meios da linguagem e no âmbito da qual se introduz a preocupação de considerar os factores extra-linguísticos como medida de avaliação semântica de discursos ilocutórios, facto que leva a um carácter eclético e interdisciplinar da linguística, sobretudo na segunda metade século XX. Ao longo dessa história, elaboram-se estudos complexos das condições fisiológicas e psicológicas do uso da linguagem tanto individual como colectiva, em diferentes ambientes sociais. Estas questões tornam-se também objecto da Estilística sendo a sua implantação em diferentes países europeus realizada de modos diferentes.

O objectivo do nosso estudo será a comparação dos métodos da Estilística usados em linguística checa e em linguística portuguesa, com o propósito de mostrar os métodos estilísticos enraizados, recentemente, na linguística checa, e a possibilidade de os aplicar na análise de fenómenos gramaticais – concretamente do uso do artigo em português contemporâneo. Neste artigo pretendemos sugerir um instrumento que talvez possa, em grande medida, ajudar a explicar melhor o sentido da categoria gramatical de que a língua checa carece.

Para justificar a possibilidade de utilizar tal método, parece-nos indispensável lembrar que a Estilística se enraizou em Portugal como disciplina linguística já nos anos cinquenta do século passado e que tem uma base forte em que pode construir as suas análises estilísticas, apesar de serem assentes nas concepções de linguistas franceses como Ch. Bally ou M. Rifaterre.

II. Diferenças entre a Estilística da Língua Checa e a Estilística da Língua Portuguesa

Apesar de as concepções e o aparato terminológico em diferentes países não serem homogéneos, poderíamos constatar que os princípios desta disciplina são

idênticos em ambos os países, como ilustraremos adiante pela comparação das duas estilísticas.

Referiremos, brevemente, cada um dos aspectos: as semelhanças e as diferenças entre as concepções da dita disciplina.

Quanto aos pontos idênticos, é de realçar o facto de que em ambos os casos a estilística vê-se estreitamente ligada com a função comunicativa da língua e com a expressividade dos meios linguísticos. Nas poucas obras que se ocupam da estilística da língua portuguesa, encontramos basicamente todos os princípios nos quais se baseia também a da língua checa.

Num primeiro lugar, citemos a importante divisão inicial estilística das palavras em palavras intelectuais e sentimentais (em linguística checa põem-se em oposição a sentimentalidade e não sentimentalidade), citada já na obra pioneira *Estilística da Língua Portuguesa*, de Manuel Rodrigues Lapa, onde são colocadas em oposição as linguagens intelectual e sentimental. Analogamente, em *Contribuição à Estilística Portuguesa* de Mattoso Câmara Jr, considera-se a linguagem como um acto individual, como um instrumento de exteriorização não só do intelecto mas também do mundo interior, sendo necessário para os estudos estilísticos dos meios expressivos aperceber-se do limite de tal exteriorização causado pelas competências e performances do falante.

Em segundo lugar mencionemos a importância de definir o objecto da estilística o que acontece já nos anos cinquenta no livro *Le style et ses techniques* de Marcel Cressot, obra traduzida para português pelo próprio autor que compara a estilística das línguas francesa e portuguesa. A estilística é, analogamente à estilística da língua checa, concebida como a disciplina cujo objectivo consiste em seleccionar os meios linguísticos de acordo com o tipo de linguagem e com o objectivo de assegurar o maior efeito possível do acto ilocutório. Acrescenta-se que M. Cressot, ao contrário de Ch. Bally, aponta para a possibilidade de estudar não só os meios expressivos na língua falada como também na língua escrita.

Em terceiro lugar, destaquemos a divisão da estilística segundo diferentes planos linguísticos – em ambas as linguísticas, há tendências para estudar os valores estilísticos dos meios linguísticos nos planos individuais da língua – no plano fonético-fonológico, lexicológico – semântico, sintáctico e morfológico. Como trabalhos estruturais-estilísticos podem ser caracterizados, por exemplo, *Gramática Construtural da Língua Portuguesa*, da autoria de Eurico Back e Geraldo Mattos, influenciado por Michael Riffaterre e pela sua *Estilística Estrutural*. O estilo é estudado aqui, analogamente ao que se faz na estilística francesa, com base nos desvios à norma, constituindo a norma a “Linguagem zero”, neutral. A dicotomia norma x desvio à norma também entra na estilística da língua checa.

Parece que também nos anos oitenta, quando é publicada *Análise de comunicação, Estilística e análise textual*, encontramos mais um ponto convergente que consiste na divisão funcional das línguas em diferentes estilos chamados “registos” (linguagem padrão, linguagem falada, profissional e social), termo traduzido do inglês “register”.

Referiremos, a seguir, os pontos divergentes investigados. Partindo de longas investigações chegámos a várias conclusões.

A pesar de que em ambos os casos a estilística é caracterizada como um ramo interdisciplinar que colabora com diferentes disciplinas linguísticas (como a teoria de interacção verbal, contextualismo, tipologia textual, linguística cognitiva, etc.) a estilística da língua checa é, apesar do carácter eclético, cada vez mais concebida como disciplina autónoma, o que não acontece no caso da estilística da língua portuguesa, que parece ser invisível e perdida entre as outras disciplinas. Uma forte posição da Estilística no contexto checo parte da sua tradição mais longa: já nos anos trinta e quarenta do século passado foram publicadas não poucas obras relativas à problemática da sua estilística (os autores mais importantes são J.V Bečka; B. Havránek, J. Mukařovský, F. Daneš, L. Doležel, K. Hausenblas, M. Weingart, etc.). Na linguística portuguesa encontramos apenas um autor que se ocupe desta disciplina, ie. Manuel Rodrigues Lapa. Sublinhemos também que, actualmente, há um grande esforço de continuar a elaborar, profundamente, as teorias das análises estilísticas da linguagem na linguística checa. Em linguística checa é reforçada cada vez mais a sua posição por estudos cada vez mais complexos dos seus objectivos e dos métodos científicos exactos que justifiquem a sua existência e posição “independente”.

Uma das provas que fazem valer a sua função autónoma consiste em definir, de forma mais exacta possível, a unidade mínima estilística, chamada “estilema”, que é percebido por autores checo-eslovacos como um elemento que tem um carácter estrutural, sendo que existe em diferentes planos linguísticos. Não obstante, o termo “estilema”, em Portugal só se refere à marca distintiva de um autor, quer seja determinada pelo gosto da época a que pertence esse autor quer seja uma invenção singular a nível formal ou linguístico. Esta definição talvez possa explicar a tendência de perceber a estilística como uma interdisciplina antes literária, o que reflecte a sua posição, por exemplo, em França.

Vejamos, brevemente, as definições existentes do estilema na linguística checa.

Primeiro, o estilema pode ser definido como qualquer unidade do texto capaz da sua activação estilística. A actividade estilística das unidades textuais em diferentes planos linguísticos consiste em acrescentar ao significado nocional das unidades textuais um valor estilístico. O valor estilístico não deve ser confundido com o significado estilístico. O valor estilístico vincula-se ao processo geral da formação e da percepção do acto ilocutório, no âmbito do qual um único lexema pode ter mais “significados estilísticos”. O seu valor estilístico é, não obstante, unificado e é fortemente relacionado com a divisão funcional da linguagem. O significado estilístico faz parte da característica do lexema enquanto o valor estilístico de um lexema pode ser dado também pelo seu uso individual sem mudar o significado da palavra.

Segundo, há autores que definem o estilema como a unidade textual capaz de não activar estilisticamente o texto, como também predeterminar o carácter do texto, havendo também uma forte vinculação com a divisão funcional das línguas.

Terceiro, o estilema pode ser percebido também como desvio à norma.

III. O valor estilístico e o significado estilístico

Como já foi referido, o valor estilístico vê-se estreitamente ligado com a divisão funcional da língua mas não pode reduzir-se só aos estilos funcionais (registos), apesar de a divisão dos estilos segundo a função dos textos, em que se estabelecem os valores estilísticos, servir de base à estilística checa. Também outros factores estilísticos influenciam a concepção do valor estilístico – como por exemplo a questão da divisão da língua em língua escrita e língua falada em que são válidas normas estilísticas diferentes – por exemplo arcaísmos x neologismos, sentimentalidade x formalidade, oficialidade x familiaridade, etc.

Os valores estilísticos são constantes e nascem quando uma unidade estilística se repete em tipos idênticos de contextos. O valor constante é um termo que figura em *Gramática Constitutural da Língua Portuguesa* sob o nome “constâncias” que são definidas como os elementos constantes que não podem ser eliminados, trocados ou alterados, sob pena de mudança de significado ou incompreensão.

Os valores estilísticos são de diferentes tipos: aderente – quando foi aderido um significado estilístico ao próprio significado lexical (como por exemplo no caso das palavras expressivas que têm um valor estilístico aderido e que são típicas para a língua falada afectiva mas não podem ser usadas por exemplo em textos especializados).

Na periferia do vocabulário encontramos o valor estilístico inerente. Trata-se de lexemas criados para cobrir necessidades comunicativas numa determinada esfera de comunicação: termos técnicos e palavras especializadas. Estas palavras fazem parte de um sistema especial, já que nelas foi desenvolvido um pleno significado nocional, mas suprimida a componente pragmática da comunicação. Estes lexemas são distribuídos apenas em esfera de comunicação profissional.

Um outro tipo de valor é o chamado valor estilístico contextual, baseado em actualização do sentido e da forma de palavras em determinados contextos. Este tipo de valor estilístico é resultado da intenção criativa do autor que, por exemplo, cria oposição entre diferentes expressões partindo da predicabilidade ou impredicabilidade das palavras em diferentes tipos de textos, sendo que estes valores estilísticos são frequentes na língua falada ou publicitária.

IV. Factores estilísticos objectivos e subjectivos

No nosso artigo reservámos à estilística vários objectos de estudo: estudo de diferentes estilos de linguagem; estudo dos meios linguísticos de acordo com o tipo de linguagem e com o objectivo de assegurar o maior efeito possível do acto ilocutório; estudo de valores e significados estilísticos dos lexemas e unidades superiores a eles.

Aos objectos citados deveríamos acrescentar mais um, que consiste implicitamente em estudar os processos da comunicação verbal e com ele o processo da criação de estilo. Para podermos criar um estilo, há de haver pressuposição da existência de mais possibilidades ao nível fonético-fonológico, morfológico, estilístico, lexical, sintáctico e textual. O autor do acto ilocutório pode alterar os meios de linguagem, actualizar o seu uso, eventualmente criar novos meios expressivos. Todos os factores que influenciam a selecção dos meios de linguagem e o resultado final do estilo são denominados “factores estilísticos”. A estilística divide estes factores em objectivos e subjectivos. Os factores objectivos são aqueles que incluem todas as circunstâncias objectivas que condicionam a forma final da comunicação, os factores subjectivos, denominados também individuais, são estreitamente ligados com o indivíduo e a sua individualidade.

Refiramos, a seguir, factores objectivos e subjectivos estilísticos.

Entre *os factores objectivos* contam-se: a função da língua (de comunicação profissional, educativa, directiva, operativa, persuasiva, estética, etc.), o cunho da comunicação (público, familiar, oficial), a forma de comunicação escrita ou falada, o grau de preparação do falante e do ouvinte, o tema da comunicação, o tempo e espaço da comunicação

Entre *os factores subjectivos* mencionemos: a capacidade e competência mental – intelectual dos participantes, a capacidade de abstracção e de pensamento lógico, o conhecimento da língua falada e escrita, tanto normativa como nas suas variantes estilísticas, experiências de vida, culturais e sociais, a educação e formação dos participantes da comunicação, etc.

Como vemos, os objectivos da estilística parecem com efeito convergir com as tendências actuais da linguística, cuja questão central foi deslocada da investigação da gramática generativa para questões processuais, tornando as questões descritivas complementares daquelas. Opinamos que este facto é de extrema importância não só para a “humanização” da linguística como também, implicitamente, para o esclarecimento das gramáticas de diferentes línguas.

No nosso artigo centraremos a atenção na aquisição da língua portuguesa como a língua segunda, em cujo âmbito surgem, por parte dos estudantes eslavos, grandes problemas na percepção de alguns fenómenos gramaticais, como, por exemplo, o uso dos determinantes em português contemporâneo (o artigo de que a língua checa carece), os tempos e os modos verbais (de que a língua checa carece: a língua checa só tem três tempos: futuro, presente e passado), e outros.

V. Tempo e espaço como factores estilísticos do uso do artigo em português contemporâneo

Das investigações que foram realizadas nos últimos anos permitimos constatar que o artigo tem um forte valor estilístico (sendo o seu uso dependente do registo e do ambiente da comunicação), e que é, do ponto de vista estilístico, semanticamente polivalente. No seu uso e interpretação semântica e em seus valores es-

tilísticos, como veremos adiante, interferem sobretudo dois factores estilísticos: o tempo e o espaço da comunicação.

Não obstante, como tentaremos mostrar no nosso estudo, o tempo e o espaço não só constituem factores estilísticos externos e determinam os diferentes contextos da comunicação, mas também podem ser vistos como factores internos, microlinguísticos, que podem determinar a função do artigo (tempos verbais, espaço sintáctico em que o sintagma nominal, cuja parte é o determinante – artigo, desempenha diferentes funções sintácticas).

VI. O tempo e o espaço como factores externos

No primeiro caso, o tempo e o espaço fazem parte do contexto extra-linguístico que abrange tudo o que existe fora da língua num dado espaço e tempo. O artigo pode fazer parte do sintagma nominal (referencial) que existe no contexto extra-linguístico, o qual pode ser directo (existe num dado espaço e tempo da comunicação) ou indirecto (não tem que existir obrigatoriamente no espaço e no tempo da comunicação).

Entre os directos mencionemos:

Contexto físico: o sintagma nominal é referencial, directo, sendo que existe um referente concreto no espaço e no tempo da comunicação.

Fecha a janela!

Nos sintagmas referenciais indirectos podemos incluir todos aqueles que fazem parte dos seguintes contextos:

Contexto empírico: o sintagma nominal alude indirectamente à tal realidade extra-linguística que não pode ser percebida pelos órgãos dos sentidos, mas existe na subconsciência do falante e do ouvinte num determinado espaço e tempo.

Já veio a mãe?

Contexto natural inclui todos os contextos empíricos conhecidos por todos os participantes da comunicação, sendo o tempo e espaço factores irrelevantes, porque se trata de conhecimentos gerais relativos à natureza.

O mundo é simplesmente assim.

Contexto ocasional – o sentido do substantivo/ ou da frase é dado pelo tempo e espaço em ela se usa:

Meteu a cabeça na areia /escondeu-se.

Contexto cultural e histórico representa todos os conhecimentos do nível cultural e histórico que os participantes da comunicação deviam ter para que seja possível a comunicação entre eles.

No âmbito da pragmática linguística é usado frequentemente a classificação do contexto em *contexto verbal imediato* (chamado também contexto textual – que inclui as relações dentro do texto escrito ou falado), *contexto situacional* (que inclui todas as informações decorrente de uma dada situação), *contexto sócio – cultural* (denominado macro-contexto), que inclui todas as informações sócio-culturais que condicionam a “performance”, o resultado e a forma final da expressão verbal.

VII. O tempo e o espaço como factores internos

No segundo caso falamos do contexto linguístico (verbal ou textual), no âmbito do qual o tempo e o espaço serão percebidos como factores “gramaticais” ou “microlinguísticos” que influenciam o uso, a função, o valor e a interpretação semântica do artigo.

a) o tempo

De acordo com as nossas investigações constatamos que os tempos verbais (neste caso ponhamos em relação dicotómica os tempos passado x futuro) são semanticamente relevantes na medida em que podem predeterminar as funções atributiva e de individuação (do artigo definido) ou intensional e extensional (no caso do artigo indefinido).

Definamos a função de individuação como função que consiste em apontar para um referente concreto, já existente de acordo com o conteúdo da frase subordinada, cuja existência não se pode negar. Ao contrário, a função atributiva aponta para um referente que só no futuro (tanto próximo como distante), existirá e que corresponderá com a característica expressa na frase subordinada. Vejamos os nossos exemplos onde os tempos verbais que figuram nas orações subordinadas relativas podem, em grande medida, predeterminar a função do artigo que faz parte do SN na oração principal:

A pessoa que eu conheci era médico. *função de individuação (passado)*
Vou comprar a casa da qual eu gostar mais. *função atributiva (futuro)*

As gramáticas da língua portuguesa mencionam semelhantes exemplos para ilustrar a polivalência semântica do artigo mas não pondo em relação o uso dos tempos verbais com a interpretação funcional do artigo. Exemplos como os acima mencionados podem ser caracterizados como prototípicos, com cuja base poderia começar a realizar-se a gênese de outras frases idênticas quanto à função do artigo, onde o verbo no tempo passado e no modo indicativo na oração subordinada aponta

para as acções realizadas no passado, o que aumenta a probabilidade de o artigo ter a função de individuação na oração principal. Ao contrário, os sintagmas nominais, cujo referente pode não existir, ligados com o modo do conjuntivo ou com os tempos futuros na oração subordinada, implicam uma hipótese, possibilidade de existência, mas não se referindo ao objecto ou pessoa já existentes, concretos. Poderíamos então constatar que existe uma relação directa entre os tempos e modos verbais e a interpretação semântica das funções do artigo definido.

Não obstante, haverá casos que poderão negar as nossas observações, como por exemplo as construções de clivagem, onde, no âmbito do SN que aponta, em circunstâncias normais, sempre para um referente concreto, a função do artigo é de individuação, sendo aderido ao SN um valor de destaque.

Foi o queijo que o corvo *comeu*.
Será o queijo que o corvo *comerá*.
É o queijo que o corvo *come*.

Quanto às funções do artigo indefinido, as gramáticas mencionam a função específica do artigo que aponta, analogamente com o definido, ou para uma existência inegável de um referente concreto, dada pelo conteúdo da frase subordinada e a função não específica (intensional) que consiste em apontar para um referente que só num futuro próximo ou distante existirá e que corresponderá com a característica expressa na frase subordinada. No caso do artigo indefinido, as funções parecem mais vinculadas aos modos verbais, como, por exemplo o conjuntivo, o condicional, com verbos que referem mundos possíveis (desejar, esperar, querer) ou alguns verbos modais (dever, poder, ter de), como ilustram os seguintes casos.

Compraria *um carro* mas *não tenho* dinheiro.
Desejo comprar *um carro*.
Podias fazer-me *um favor*?
Tenho que comprar *uma* nova casa.

Também a modalidade oracional pode predeterminar a função não específica do artigo indefinido, como por exemplo as interrogativas de sim ou não, declarativa negativa com predicado positivo.

A Ana conhece *um* cineasta?
O João não tem *uma* casa de praia.

b) o espaço

Também o espaço no qual se movimenta o sintagma nominal do qual o artigo faz parte é um dos factores positivos e relevantes quanto à determinação do significado estilístico do artigo. Como veremos adiante, o tipo da estrutura

sintáctica pode decidir sobre a interpretação do componente semântico do artigo. Com base em observações de muitos anos do uso da língua portuguesa em diferentes registos chegámos à conclusão de que a função do artigo não consiste só na actualização ou determinação do substantivo mas também no enriquecimento estilístico do texto. Com base das definições do estilema mencionadas no segundo capítulo deduzimos que também o próprio artigo pode ser definido como um “estilema”, unidade mínima estilística, capaz de activar ou desactivar um texto e que pode ter duas componentes semânticas: pragmática e informativa (determinativa), denominados nas obras de Ján Findra como pragmemma (valor pragmático – expressivo – emotivo – aderido) ou informemma (valor informativo que transmite neutralmente uma pura informação no âmbito do processo de determinação), termos conhecidos em linguística portuguesa sob o nome de valor intelectual e valor sentimental da palavra e que, estudados pormenorizadamente em linguística checo-eslovaca, são classificados no seguinte esquema:

informemma	pragmemma
Forma não marcada	Forma marcada
Sentido nocional	Sentido emocional e expressivo
Sentido neutral	Matiz estilístico

Observemos, com base nos exemplos abaixo mencionados, como estas duas componentes semântico-estilísticas do artigo permutam no eixo sintagmático e paradigmático e como são influenciadas pelo tipo da construção sintáctica:

movimento semântico do artigo no eixo sintagmático:

a) artigo definido:

informemma:	<i>O médico</i> é bom.	SN – sujeito
	Deves visitar <i>o médico</i> .	SN – complemento directo
pragmemma	Ele é <i>o médico</i> .	SN – predicativo do predicado nominal (valor de ênfase)

b) artigo indefinido:

informemma:	Ela gosta de <i>um homem</i> .	SN- compl. indirecto
pragmemma:	Esse é que é <i>um homem</i> . Aquilo é <i>um homem</i> / Ele é <i>um Dom Quixote</i> . (valor estilístico de intensificação)	SN- predic. do PN

c) artigo nulo:

pragmemma:	<i>Transeuntes</i> paravam, <i>carros</i> passavam...	SN –sujeito (uso literário)
informemma:	Lá encontraram <i>transeuntes</i> , <i>carros</i> ... (valor específico)	SN – complemento directo

substituição do artigo no eixo paradigmático:

Contos <i>de</i> Teresa.	informema
Contos <i>da</i> Teresa.	pragmema
(–) Irene Lisboa tem hoje uma palestra na Faculdade de Letras.	informema
<i>A</i> Irene Lisboa tem hoje uma palestra aqui na Universidade.	pragmema
<i>Uma</i> Irene Lisboa utilizava outras palavras.	pragmema
<i>A</i> Maria estuda as lições.	informema
(–) Maria (senhora, dona Maria) está de serviço.	pragmema
(–) Mário Soares é presidente da República Portuguesa.	informema
<i>O</i> Mário Soares é um grande colecionador de arte.	pragmema
Eu sou <i>a</i> senhora Soares.	informema
Eu não sou <i>uma</i> Soares.	pragmema

VIII. Conclusões

Com as reflexões acima procurou-se mostrar que o artigo em português contemporâneo pode ser entendido não só como operador dos processos semânticos de determinação, mas também como instrumento capaz de enriquecer – activar estilisticamente o texto de acordo com estratégias cognitivas e de comunicação.

Para os fins da aquisição da língua portuguesa pelos falantes cuja língua carece do artigo, estes movimentos semânticos do artigo são insuficientemente sistematizados e pouco esclarecidos. Apenas com bases empíricas de investigação e observação atenta e detalhada das regularidades e das assimetrias e peculiaridades do uso do artigo em situações diferentes podemos deduzir e criar modelos prototípicos. Esta conclusão aponta para a necessidade de investigar métodos e instrumentos estilísticos exactos que contribuam para estudos mais complexos do uso do artigo e para reforçar a importância da estilística em linguística portuguesa.

A finalizar esta reflexão sobre a procura dos significados estilísticos do artigo influenciado pelos factores do espaço e do tempo extra e intra linguísticos, gostaríamos de apresentar sugestões de pesquisa sincrónica actual dos valores e significados estilísticos do artigo em português contemporâneo. No presente trabalho dedicou-se maior atenção aos significados estilísticos do artigo, sendo deixada de lado a procura do seu valor estilístico de acordo com a divisão funcional das linguagens. Não obstante, é de realçar o facto de o artigo ter um valor estilístico forte, por exemplo, no caso dos textos jornalísticos, onde já nos títulos é frequentemente omitido, ou no caso dos textos literários, onde muitas vezes parece ser anteposta a parte remática com determinante zero ao SV (Transeuntes paravam, janelas abriam-se...). Mas como se trata de uma problemática mais complexa, não a incluímos aqui para evitar eventuais superficialidades. Para reforçar a ideia

de o artigo ter valor estilístico, seria útil estudar o seu uso por exemplo em poesia, onde, segundo as nossas predições, é utilizado muitas vezes para manter o número de sílabas em verso, em textos administrativos e jurídicos, onde é maior a probabilidade de omitir a sua componente pragmática. Também nos textos pós-modernos é omitido o artigo com maior frequência.

No conjunto de questões relativas aos processos de determinação poderiam ser expostas situações em que o uso do artigo difere de acordo com o tipo de cada situação de comunicação. O único facto que nós, os falantes não nativos da língua portuguesa, vemos, é que o uso do artigo é muito subjectivo. Mas não há estudos que se ocupem de tal subjectividade e só Portugueses nativos poderiam preencher esta lacuna e contribuir para uma mais fácil aquisição da língua portuguesa.

Bibliografia

- ALONSO, Amado, *Estudios lingüísticos*, Madrid, Temas Españoles 1951.
- ALONSO, Amado, „Estilística y gramática del artículo en español“, *Estudios Lingüísticos*, Madrid, Temas Españoles 1974.
- ANDRADE PERES, João, *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*, Lisboa, Telmo Mória 1995.
- ASSIS, Wilem A., *Linguística e estilo*, São Paulo 1964.
- AUSTIN, John. L., *How to Do Things with Words*, Oxford, Oxford University Press 1962.
- AZEREDO, José Carlos de, *Iniciação à Sintaxe do Português*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar 2000.
- BACK, Eurico; MATTOS, Geraldo, *Gramática Construtural da Língua Portuguesa*, São Paulo, FTD 1972.
- BARBOSA, Jorge Morais, et alii (orgs.), *Gramática e Ensino das Línguas*, Coimbra, Livraria Almedina 1999.
- BARTOŠEK, Jaroslav, *Žurnalistika. Úvod do studia*, Olomouc, FF UP 1997.
- BEČKA, Josef Václav, *Česká stylistika*, Praha, Academia 1992.
- BECHARRA, Ivanildo, *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª ed., Rio de Janeiro, Lucerna 2001.
- BERGSTRÖM, Magnus; REIS, Neves, *Pontuário Ortográfico e guia da língua portuguesa*, Lisboa, Notícias 2002.
- BLIKSTEIN, Izidoro, *Linguística e comunicação*, São Paulo, Cultrix 1970.
- CAMARA, Mattoso Jr, *Contribuição à Estilística Portuguesa*, São Paulo, 1997.
- CARRETER, Fernando Lázaro: „El problema del artículo en español – una lanza por Bello“, *Homenaje a la memoria de don Antonio Rodríguez Monino*, Madrid, Castalia 1975.
- CEIA, Carlos, *Dicionário de termos linguísticos e literários*, <http://www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/E/estilema.htm> .
- CINTRA, Luís F. Lindley *Boletim de Filologia*. tomo XXXI, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1986–87.
- COPCEAG, Dumitru, „Un caso de omisión del artículo en rumano y en los idiomas Iberorromances“, *Revue Roumaine de Linguistique*, nº 2.
- COSERIU, Eugenio, *Dos problemas lingüísticos del hablar. Teoría del lenguaje y lingüística general*. Madrid, Gredos 1973.
- CRESSOT, Marcel, *O Estilo e As Suas Técnicas*, Lisboa, Edições 70 1947.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Edições João Sá de Costa 1985.
- ČECHOVÁ, Marie; CHLOUPEK, Jan; KRČMOVÁ, Marie; MINÁŘOVÁ, Eva, *Stylistika současné češtiny*, Praha, ISV 1997.
- ČERMÁK, František, *Jazyk a jazykověda*, Praha, Pražská imaginace 1997.

- ČERNÝ, Jiří, *Dějiny lingvistiky*, Olomouc, Votobia 1996.
- Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*, Lisboa, Editorial Verbo 2001.
- Dicionário de Termos Linguísticos*, Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística 1987.
- FARIA, Isabel Hub et alii (org.), *Introdução à linguística geral e portuguesa*, Lisboa, Caminho 1996.
- FARIA, Isabel Hub, *Para a Análise da Variação sócio-semântica*, Lisboa, INIC 1991.
- FLORIDO Maria Beatriz; DUARTE DA SILVA Maria Emília; FONSECA, Joaquim, *Análise de comunicação, Estilística a análise textual*, Porto, Porto Editora 1981.
- FONSECA, Joaquim, *Linguística e texto/discurso. Teoria, descrição, aplicação*, Lisboa, ICALP 1992.
- FONSECA, Joaquim, *Pragmática Linguística. Introdução, Teoria e Descrição do Português*, Porto, Porto Editora 1994.
- FONSECA, Fernanda Irene, *Gramática e Pragmática. Estudos de Linguística Geral e de Linguística Aplicada ao Ensino do Português*, Porto, Porto Editora 1993.
- FINDRA, Ján, „Štýléma a paradigmatica štylistiky“, in *Sborník prací filozoficko-přírodovědné fakulty Slezské Univerzity v Opavě, řada jazykovědná, (D2)*, Opava, 2002.
- GRADIM, Anabela, *Manual de Jornalismo, Livro de Estilo de Urbi et Orbi*, Universidade de Beira e Covilhã, 2000.
- HAMPL, Zdeněk, *Stručná mluvnice portugalštiny*, Praha, Academia 1972.
- HOFMANOVÁ, Jana, *Stylistika a...*, Praha, Trizonia 1997.
- LAPA, Manuel Rodrigues, *Estilística da língua portuguesa*, Coimbra, Coimbra Editora 1984.
- CHLOUPEK, Jan, *Stylistika češtiny*, Praha, SPN 1990.
- KRČMOVÁ, Marie, „Mluvenost a psanost jako slohotvorní činitel“, in *Linguistica online*, 2005. www.phil.muni.cz/linguistica/art/krcmova/.
- KRČMOVÁ, Marie: „Příznakovost a její specifika v morfologii“, in *Linguistica online*, 2005, www.phil.muni.cz/linguistica/art/krcmova/.
- Livro de estilo, Público, Comunicação Social*, Lisboa, Público 2005.
- MARTINS, Maria Raquel Delgado, *Ouvir falar. Introdução à Fonética do Português*, Lisboa.
- MATEUS, Maria Helena Mira et alii., *Gramática da Língua Portuguesa*, 2ª ed., Lisboa, Caminho 1989
- MILIČKOVÁ, Ladislava, „La place de la stylistique dans la linguistique française contemporaine“, in *Stylistické bibliografie, studie stylistiky*, www.phil.muni.cz/stylistika/francouzskah.html.
- MISTRÍK, Jan, *Štylistika*, Bratislava, SPN 1985.
- NEVESS, Maria Helena de Moura: *Guia de Uso do Português – Confrontando regras e usos*. São Paulo, Editora Unesp 2003.
- RIFFATTERE, Michael, *Estilística estrutural*, São Paulo, 1973.
- SOARES, Isabel Maria Pardal Hanemann, „Contextos de ocorrência do nome próprio com e sem artigo definido: Qual o estatuto do artigo?“, em *Actas do XV encontro nacional da APL*, Faro 1999.
- SPITZOVÁ, Eva, *Morfología española*, Brno, FF MU 1990.
- ŠABRŠULA, Jan, *Úvod do srovnávací stylistiky*, Praha, SPN 1972.
- TLÁSKAL, Jaromír, *Fonetika a fonologie současné evropské portugalštiny*, Praha, Karolinum 2006.
- VILELA, Mário, *Gramática de Valências: Teoria e aplicação*, Coimbra, Almedina 1992.
- WOLF, Mauro: *Teoria de Comunicação*. Lisboa, Presença 2003.

Abstract and key words

The usage of the article is a very complex problem that has to be studied from various angles and we try to incorporate here aspects that influence the correct selection of the articles, such as the type of contexts and objective and subjective factors. Till today, the theories and the analysis which concern to this linguistic theme have been limited to the traditional grammars and some partial works. There are not a lot of theories which clarify minutely all the aspects of the values of the indefinite, definite and zero article in the Portuguese language. The grammars of Portuguese language refer only the typical examples of the individualization, but they don't explain, for instance, the sense of the different contexts, they don't classify the different meanings and values of the articles. There is a lot of aspects to be studied, as, for instance, the synonymous relation between the definite and indefinite article, the knowledge of the external reality, or the influences of the syntactic functions influence that affect the selection of the correct article. The article can be viewed as a stylization medium, which can, according to the context and to the operation of determination, influence the resulting meaning not only of the name but also of the phrase. We try to prove that the article has a very strong stylization's valor.

Stylistics, register, specific function of the article, attributive function of the article, intensional function of the article, extensional function of the article, context, stylem, pragmem, informem, subjective stylistic factors, objective stylistic factors

